

Relato de experiência

O RELATO PROFISSIONAL À LUZ DA METARREFLEXÃO: INTERSTÍCIOS E CONFLUÊNCIAS NO FAZER ACADÊMICO-DOCENTE

TÂNIA MARIA DE OLIVEIRA GOMES*

Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo: Este trabalho tem como propósito construir, à luz de um caminho convergente entre a Sociologia da Educação e a Linguística do Texto e do Discurso, um estudo de caso cujos objetivos visam a: (a) examinar como se dá a construção da função de docente, nos períodos da prática de estágio obrigatório, e (b) de que forma esse período é capaz de revelar a tensão entre a regência escolar e a pesquisa; aquela, relacionada ao campo de estágio, e esta, à universidade. Para tanto, esta investigação selecionou, entre dez produções verbais, edificadas entre os anos 2008 e 2010, um *corpus* formado por 55 laudas, que relatam a trajetória de uma estagiária, durante o período de cumprimento da prática de ensino, tutelada pela Universidade Federal de Minas Gerais, através da Professora Orientadora dessa instituição. Grosso modo, a partir dos estudos de Durkheim (1978), Weber (1982), Bourdieu (1992) e Bakhtin (2003) e com base em uma metodologia qualitativa, constatou-se a presença de hiatos e de afluências no caminho da profissional em questão, tensionada entre dois mundos, ambos impregnados por relações de poder e agora vislumbrados pela doutoranda (e ex-estagiária) que faz de si mesma o objeto de estudo desta pesquisa.

Palavras-chave: dialogismo, ensino, sociedade.

Abstract: This work aims to build, in the light of a convergent path between the Sociology of Education and the Linguistics of Text and Discourse, a case study whose goals are: a) examine how is the construction of the teaching function, in the periods of compulsory internship, and b) how this period is able of revealing the tension between the school regency and the research; that related to the internship field, and this, to the university. Therefore, this research have selected, out of ten verbal productions, built between the years 2008 and 2010, a *corpus* made of 55 pages, relating the trajectory of a trainee, during the period of performance of the teaching practice, tutored by the Federal University of Minas Gerais (UFMG), through the orientation of a teacher of this institution. Roughly, from studies of Durkheim (1978), Weber (1982), Bourdieu (1992) and Bakhtin (2003), and based on a qualitative methodology, it is found the presence of gaps and inflows in the professional path in question, tensioned between two worlds, both impregnated by relations of power and now envisioned by the doctoral candidate (and former intern) making herself the object of study of this research.

Keywords: dialogism, teaching, society .

* Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). *E-mail:* tantan.maria@hotmail.com

O “outro”: reminiscências de um “eu”

Na contemporaneidade, inúmeros têm sido os subsídios teóricos assumidos pelo/no domínio educacional. Nesse contexto, profissionais do ensino se debruçam sobre questões caras à área, atuando na busca da construção de um sistema de aprendizado profícuo. No entanto, apesar de tal esforço, algumas indagações ainda se mostram pouco claras quando submetidas à esfera da reflexão, sobretudo, aquelas que se referem aos conceitos de “docente” e de “pesquisador”. Grosso modo, especula-se sobre a definição de tais vocábulos, propondo-se uma diferenciação que desemboca em considerações como:

O que caracteriza o exercício docente é o ensino, isto é, o conjunto de atividades planejado prévia, intencional e sistematicamente, cujo desenvolvimento visa a socializar com os discentes conhecimentos, habilidades, valores, visões de mundo, hábitos e atitudes historicamente produzidos pela humanidade, bem como a desenvolver as suas capacidades sensório-motoras e cognoscitivas [...] Por sua vez, a pesquisa de cunho acadêmico-científico caracteriza-se por ser um processo cujo objetivo fundamental é o de produzir conhecimentos, por meio da coleta rigorosa (metódica) de dados, que devem ser analisados e/ou interpretados à luz de fundamentos teóricos (MARTINS; VARANI, 2012, p.650-651).

Definições como esta recaem sobre o binômio “docente” = promotor do ensino *versus* “pesquisador” = produtor de conhecimento. Há, em tal dicotomia, de um lado, “o exercício do processo de ensino-aprendizagem”; de outro, “a reflexão, a pesquisa sobre ele como procedimentos aceitos por uma comunidade científica”, instâncias afins que podem ser corporificadas “pelo mesmo profissional, o professor, que, agindo no ambiente escolar na qualidade de docente, pode ser, também, pesquisador” (MARTINS; VARANI, 2012, p.650). É, precisamente, a partir dessa noção que emerge a proposta deste artigo: construir um estudo de caso metarreflexivo, com base no relatório final de estágio docente, cuja outrora professora/estagiária, posiciona-se, hoje, como pesquisadora/doutoranda responsável por produzir o conhecimento acadêmico que se edifica no presente texto. Em síntese, objetiva-se analisar: (a) como se deu a construção da função de professora pela estagiária; (b) quais os elementos que anunciavam, no [Revista Fundamentos, V.2, n.1, 2015. Revista do Departamento de Fundamentos da Educação da Universidade Federal do Piauí. ISSN 2317-2754](#)

passado, a pesquisadora que se formaria no futuro; (c) que vestígios já sinalizavam, durante o período de regência, a relação cindida entre a docência e a pesquisa, vivenciada na atualidade. A concretização deste estudo esteia-se nos dizeres de Bakhtin (2003, p. 315), para quem

Expressar a si mesmo significa fazer de si mesmo objeto para outro e para si mesmo (a “realidade da consciência”). Este é o primeiro grau de objetivação. Mas também é possível expressar minha relação comigo enquanto objeto (o segundo estágio de objetivação). Neste caso, minha própria palavra se torna objetificada e recebe a segunda voz - a minha própria.

Desse modo, sob a égide dos pressupostos bakhtinianos, articulados aos preceitos teóricos de Durkheim (1978), Weber (1982), Bourdieu (1992) e Machado (2001), pretende-se propor, em primeiro lugar, uma revisão de literatura capaz de fornecer os instrumentos teóricos necessários ao exame do *corpus*, a saber, o relatório final de estágio docência já mencionado. De posse desse “arcabouço bibliográfico”, tentar-se-á investigar experiências passadas, sob o jugo do momento presente; desvelar, na esteira do segundo estágio de objetivação, os interstícios e as confluências de vozes, ora passadas, ora vigentes; e, sobretudo, analisar o relato profissional de uma professora em formação, reminiscências de um “eu”, com seus anseios, dúvidas e elucubrações, à luz de uma metarreflexão, de uma segunda contemplação reflexiva capaz de produzir uma terceira: esta, que o leitor destas páginas constrói, mediante a apreensão das palavras que aqui se materializam.

A sociologia da educação e o interacionismo social em cotejo: um arcabouço teórico-metodológico possível.

Para que os objetivos deste artigo sejam alcançados, faz-se necessário, antes de mais nada, construir um arcabouço bibliográfico, mesmo que breve – dados os limites de extensão deste trabalho –, a fim de aliar à prática (à análise posterior do *corpus*) uma base teórica sólida. Nesse sentido, tomam-se as palavras de Weber (1982): “na verdade, não podemos, aqui, de passagem, dar uma tipologia sociológica dos fins e meios pedagógicos, mas talvez possamos fazer algumas observações”, com o propósito de reiterar que não se pretende, com este estudo, contemplar todo o universo teórico que gravita em torno da

Sociologia da Educação, mas, sim, reunir algumas observações que contribuam para a construção e o alargamento dessa área do saber (WEBER, 1982, p. 482). Com o intuito de esclarecer o que se entende, aqui, por educação, cita-se Durkheim (1978, p. 41). Para esse autor,

A educação é a ação exercida, pelas gerações adultas, sobre as gerações que não se encontram ainda preparadas para a vida social; tem por objeto suscitar e desenvolver, na criança, certo número de estados físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política, no seu conjunto, e pelo meio especial a que a criança, particularmente, se destina.

A partir dessa citação, constata-se que Durkheim (1978), enquanto arquiteto da Ciência Social Moderna, propôs uma relação de equivalência entre os termos educação e socialização, focalizando o aluno como um ser social em plena atividade de formação. Em contrapartida, Weber (1982) também desenvolveu a sua definição de educação, atrelando-a à apropriação de bens culturais, aos processos de racionalização da sociedade. Avançando no tempo, chega-se a Pierre Bourdieu (1992), que vai beber da fonte weberiana ao propor uma definição de educação que busca o entrelaçamento “das relações entre o sistema de ensino e a estrutura das relações entre as classes”, como mostra o seguinte excerto sobre o autor:

No campo da sociologia da educação, um dos teóricos de maior influência na análise do sistema educacional, a partir de 1970, em várias partes do mundo, é Pierre Bourdieu. Ele retoma os aspectos tratados por Weber, relativos aos bens culturais, relacionando-os à teoria do poder e formas de dominação, assim como na formação do capital cultural na vida dos indivíduos. Ele dialoga com o estruturalismo quando afirma que existem, no mundo social, estruturas objetivas, construídas socialmente, que podem dirigir a ação e a representação dos indivíduos, mas, ao mesmo tempo, ele pensa na autonomia destes indivíduos, denominados agentes, que detêm *habitus*, influenciando a capacidade de agir e pensar de forma diferente daquela na qual foi educado. Isto ocorre porque existe sempre a possibilidade de acrescentar elementos novos à experiência, na vida prática, de forma a transformar condições herdadas. Por tudo isto, ele chegou a chamar sua abordagem de estrutural construtivista (GOHN, 2012, p.104).

O enfoque dado por Bourdieu (1992) à educação confere ao sujeito um aspecto cindido, que o divide entre um indivíduo regido por ações sociais e um ser autônomo, que opera mediante os seus desejos singulares. Essa noção se articula ao dizer de Machado (2001), que inspirada em Bakhtin (1992), propõe uma nova “visada” sobre o sujeito. De

acordo com essa autora, “é reconhecido que, enquanto ser empírico, ele detém um estilo próprio, uma individualidade que é só sua e isso transparece em seus gestos, ditos e escritos”, contudo, “esse sujeito é um ser que vive em determinada sociedade. Ora, a sociedade é geradora de certas regras de conduta, de certos rituais e de vários contratos linguageiros” (MACHADO, 2001, p.04). Nessa perspectiva, o sujeito se vê tensionado entre o “eu” e o(s) “outro(s)”, o que marca sua existência, desvelando o princípio dialógico cunhado por Bakhtin (1992, p. 320):

Os outros, para quais o meu pensamento se torna, pela primeira vez, um pensamento real (e, com isso, real para mim), não são ouvintes passivos, mas participantes ativos da comunicação verbal. Logo de início, o locutor espera deles uma resposta, uma compreensão responsiva ativa. Todo enunciado se elabora como para ir de encontro a essa resposta. O índice substancial (constitutivo) do enunciado é o fato de dirigir-se a alguém, de estar voltado para o destinatário.

Desse modo, o que alinhava os dizeres de Durkheim (1978), Weber (1982), e Bourdieu (1992) às falas de Machado (2001) e de Bakhtin (1992) é a importância conferida ao ser social. Nesse sentido, o interacionismo social de Bakhtin (1992), comunga com os preceitos propostos pelos sociólogos citados, na medida em que põe o ser humano no centro das relações sociais, estas configuradas sob o prisma do ensino e da divisão de classes. Da mesma forma, o que alinhava os dizeres dos teóricos aqui contemplados ao tema deste trabalho é a perspectiva de se pensar o sujeito, que se encontra imerso na esfera educacional, sob um prisma mais amplo, que entenda a riqueza do dialogismo presente nas atividades voltadas para o ensino e que se preocupe com as relações de poder imbricadas nessa tarefa, sobretudo quando estas se encontram divididas entre a docência e a pesquisa.

Terminado esse rápido panorama bibliográfico, com o fichamento *en passant* dos autores que nortearão a análise, chega-se à metodologia adotada para o exame do *corpus*. É sobre esse ponto que se convoca a opinião de Marconi e Lakatos (2003), que indicam a experiência pessoal, idiossincrática, como importante elemento de pesquisa. No seu entender, “a maneira particular pela qual o indivíduo reage aos fatos, à cultura em que vive, à ciência, ao quadro de referência de outras ciências e às observações constitui também fonte de novas hipóteses” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p.135).

Assumindo-se, portanto, também o viés da experiência pessoal, ao lado das relações sociais, dividiu-se o material a ser analisado em duas partes, em função dos

critérios cronológico e teleológico. O primeiro serviu para se fazer a triagem textual, em função de um maior lapso temporal, de modo a conferir à pesquisadora atual um maior distanciamento frente às circunstâncias vivenciadas no passado e, como isso, um olhar um pouco menos impregnado dos valores daquela época. Buscou-se, desse modo, certo grau de objetividade, diante daquilo que será relido. O critério teleológico, por sua vez, auxiliou na seleção final do *corpus*, formado pelas produções consideradas mais relevantes para a análise, ou seja, aquelas que aglutinavam uma quantidade maior de informações.

Dessa forma, a partir de um conjunto inicial de dez textos, produzidos entre os anos 2008 e 2014, foram selecionadas, em um primeiro momento, quatro produções – dois relatórios finais de iniciação científica e dois relatórios finais de estágio docência. Em um segundo momento, à luz do dizer charaudiano de que “o *corpus* não existe em si”, mas depende do “posicionamento teórico a partir do qual ele é considerado” (CHARAUDEAU, 2011, p.1) e levando-se em conta as limitações de espaço de um artigo, tomou-se como objeto de análise um dos relatórios finais de docência, que reivindica, de forma natural, teorias que se situam na interface entre a Sociologia da Educação e o Interacionismo Social, preocupando-se, assim, com uma pesquisa qualitativa, e não quantitativa.

Entre a docência e a pesquisa

A construção do “relatório final de docência”, também intitulado “relatório final de prática de ensino”, faz parte das atividades conclusivas de curso orientadas pelos professores que ministram, na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a disciplina “Prática de Ensino”. Tal matéria curricular é supervisionada por um professor doutor, membro da instituição, e pelo professor supervisor, oriundo do campo de estágio. Essa disciplina integra a grade curricular e visa ao cumprimento de uma regência de 210 horas. O estágio aqui contemplado ocorreu no período de 02 de setembro a 28 de outubro de 2008, em uma Escola Estadual, situada no centro de Belo Horizonte. Dito isso, retorna-se aos três objetivos propostos, na introdução deste artigo, iniciando-se pelo primeiro: (a) como se deu a construção da função de professora, pela então estagiária. Com o intuito de responder a tal indagação, recorre-se a uma citação [Revista Fundamentos, V.2, n.1, 2015. Revista do Departamento de Fundamentos da Educação da Universidade Federal do Piauí. ISSN 2317-2754](#)

bakhtiniana, segundo a qual “a interação verbal constitui a realidade fundamental da língua” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1997, p.123). Isso permite pensar que é, precisamente, por meio da interação verbal que a então estagiária se constitui, em relação aos alunos, como docente:

Gerir uma turma tornou-se uma tarefa mais fácil do que era imaginado, o que pode ser comprovado por um trecho retirado do “diário de anotações do estágio”: “[...] dei a aula sobre o texto entregue, corriji as questões oralmente, alguns alunos responderam e debateram interessados. A sala, no geral, estava em silêncio, *questionei o fato de eles não anotarem as respostas que eu estava dando* [...] apesar disso, eles acompanharam bem as minhas correções e bateram palmas no final. Fui elogiada pelos alunos e pela professora. (fiquei emocionada)” (GOMES, 2010, p.13, grifo meu).

A estagiária somente se reconhece como “docente”, por meio do olhar e do reconhecimento dos outros, no caso, os alunos. Esse princípio dialógico se encontra marcado no próprio material linguístico selecionado, sobretudo, no excerto sinalizado pelo grifo, que diz respeito ao questionamento produzido pela professora ao exigir uma atitude responsiva dos discentes. Nesse trecho, já se vislumbra a hierarquia social dentro da sala de aula, por meio da qual o professor (e, acima dele, o coordenador) se coloca como detentor da rede de poderes ali estabelecida, conforme prevê Bourdieu (1992). Tal ideia encontra ressonância nesta passagem:

A situação, de cunho emergencial, reflete nas ações da coordenadora, que designa os *estagiários para os cargos de professores substitutos, sem que sejam recompensados financeiramente por seus serviços*. Esta prática usual na instituição foi percebida desde o primeiro dia de estágio. Entretanto, como *a coordenadora havia sido avisada sobre as cláusulas do estágio obrigatório, vinculado à UFMG, ela foi obrigada a designar a professora X, como supervisora do estágio no campo escolar* (GOMES, 2010, p.06, grifos meus).

Na citação acima, constata-se a edificação de toda uma estratificação piramidal, na qual os bens culturais, como se verifica em Weber (1982), são dispostos de forma desigual, a fim de se instaurarem “camadas sociais” que se baseiam em relações de influência/poder. Grosso modo, a estagiária exprime, ainda que de forma velada, a sua indignação frente ao não reconhecimento monetário do seu ofício. Ao se posicionar como docente, ela atrela o seu saber a uma aprovação social que, por sua vez, relaciona-se a uma legitimação econômica. Nessa dinâmica, a estagiária convoca as cláusulas de

estágio, criadas pela UFMG, como instrumento capaz de obrigar a coordenadora da Escola Estadual a designar uma professora como supervisora, no campo de estágio. Tal encadeamento de ações denota a articulação entre o sistema de ensino e a estrutura das relações entre classes, aspectos que se traduzem, no exemplo dado, por meio das formas de dominação exercidas, que configuram a teoria do poder de Bourdieu (1992).

Já no que tange ao segundo objetivo, previsto neste artigo: (b) quais são os elementos que anunciavam, no passado, a pesquisadora que se formaria no futuro, entre as 55 páginas que constituem o relatório final, um excerto, em especial, parece prever o futuro que tangenciaria a vida daquela estagiária: “Com essa catalogação pretendeu-se ensinar aos alunos que existem erros gramaticais, como os ortográficos e os de acentuação, mas que também existem *inadequações à norma culta, que não constituem, necessariamente, um erro*” (GOMES, 2010, p.15; grifo meu).

Esse trecho sinaliza, já em 2008, a reprodução, por parte da estagiária-docente, de valores, notadamente, calcados na universidade, espaço onde se discute a questão do preconceito linguístico, o embate entre a norma padrão e as variedades não padrão; lugar propício à reflexão sobre as mudanças gramaticais e as performances no uso da língua. Esses elementos, dos quais a estagiária lança mão na sua prática docente, já anunciavam uma preocupação com questões caras ao ambiente acadêmico.

Essa constatação desemboca no terceiro e último objetivo: (c) que vestígios já sinalizavam, durante o período de regência, a relação cindida entre a docência e a pesquisa, vivenciada na atualidade. Quanto a esse ponto, três citações, extraídas do *corpus*, são responsáveis por profetizar sobre essa questão. A primeira diz respeito a um embate entre a docente e duas alunas, como se vê em: “O conflito com as adolescentes que conversavam ininterruptamente e desdenhavam da *posição da universitária, enquanto professora, fez com que fosse adotada uma nova forma de regência*” (GOMES, 2010, p.14; grifos meus). Nessa passagem, observa-se que a docente se coloca, primeiramente, como “universitária” que, naquele momento, exerce o papel de professora. Essa postura é natural se se pensar que o estágio docência se configura como o primeiro contato com a sala de aula. Tal noção é reiterada no trecho a seguir:

Logo no primeiro dia de estágio, a professora supervisora sugeriu que no último horário da aula, as aulas seriam dadas pela estagiária. Como o conteúdo da última aula seria o mesmo dos primeiros horários, a *universitária se baseou no que a professora X havia dado, incrementando com conteúdos vistos na universidade*, e nas vivências, enquanto *professora particular* (GOMES, 2010, p.13, grifo meu).

No fragmento, em destaque, a docente se baseia nas teorias, estudadas na universidade, mas também recorre a *práxis*, aos ensinamentos proferidos pela supervisora da Escola Estadual e à sua própria experiência como educadora. Nesse sentido, a estagiária-docente se encontra “nem completamente livre, pois, [está] agindo em um mundo de representações e códigos, nem completamente submissa, pois, [é] singular, individual” (MACHADO, 2001, p.04). Essa cisão subjetiva entre a docência e a pesquisa acadêmica é ratificada na frase: “[por meio da] realização desse estágio [...] *o estudante pode colocar em prática seus conhecimentos acadêmicos, ao mesmo tempo em adquire uma experiência real como docente*” (GOMES, 2010, p.04, grifo meu), trecho em que se diferencia o “ser individual” – constituído dos estados mentais “que não se relacionam senão conosco mesmos” – e o “ser social” – que engloba “as crenças religiosas e as práticas morais, as tradições nacionais e profissionais, as opiniões coletivas de toda espécie” (DURKHEIM, 1978, p. 82-83). O ensino se presta a constituir esse segundo ser em cada indivíduo, esse ser dividido, tensionado, em busca do equilíbrio que, por vezes, demanda uma maturidade profissional que, para alguns, custa a chegar.

Considerações finais: para além dos muros da universidade

Com este artigo, tentou-se examinar, ainda que de forma rápida, os dilemas vivenciados pela estagiária-professora durante seu processo de formação profissional, dentre os quais se evidenciou a tensão entre a docência e a pesquisa. A partir dessa bifurcação inicial, constatou-se que a estagiária, ora se valia de um “teoriquíssimo, que incide de maneira bastante significativa sobre o trabalho do pesquisador”, ora se servia de um “praticismo”, comum à prática “da atividade docente”, (MARTINS; VARANI, 2012, p.649). Dessa forma, a estagiária permitiu-se vivenciar uma experiência marcada por interstícios e confluências no seu fazer, tensionado entre a universidade e a sala de aula, mas que confluía para a mesma direção: aquela marcada pela relação entre o aluno e a instância que o orienta, pois, como afirma Freire (1996, p.22-23): “Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar de diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. ”

Pode-se completar a reflexão freiriana pensando-se que não há pesquisador que não tenha percorrido o caminho da docência, seja como professor, seja como o próprio aluno. Logo, a metarreflexão construída nestas linhas permitiu que a pesquisadora, que agora as (d)escreve, repensasse o seu papel para além dos muros da universidade, lembrando-se daquela estagiária-professora como alguém que ainda pulsa dentro de si, e que, portanto, é capaz de lhe fornecer ensinamentos valiosos, como os que aqui foram relidos, e que poderão se propagar por outros momentos no futuro, pois, como afirma Bakhtin (2003, p.410): “Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. [...] Questão do grande tempo”.

Referências

BAKHTIN, Mikhail./VOLOCHINOV (1929). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. *Estética da criação verbal*. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BORDIEU, Pierre. *A reprodução*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

CHARAUDEAU, Patrick. Dize-me qual é teu corpus, eu te direi qual é a tua problemática. In: *Diadorim* v. 10, Rio de Janeiro, 2011, p. 1-23.

DURKHEIM, Émile. *Educação e sociologia*. 11.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOHN, Maria da Glória. Sociologia da Educação: campo de conhecimento e novas temáticas. *Educação e Linguagem*, v.15, n.26, p.95-117, 2012.

GOMES, Tânia Maria de Oliveira. *Relatório final de prática de ensino II*. Belo Horizonte: FALE/UFMG: 2010 (relatório final de estágio).

MACHADO, Ida Lucia. Dois momentos históricos (no âmbito da literatura) e o mesmo tratamento irônico: estudo de caso na ótica da análise do discurso. *Revista Kaleidoscópio*, v.1, n.1, p.01-13, 2001.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de Metodologia Científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTINS, Marcos Francisco; VARANI, Adriana. Professor e pesquisador: considerações sobre a problemática relação entre ensino e pesquisa. *Revista Diálogo Educacional*, Curitiba, v.12, n.37, p.647-680, 2012.

WEBER, Max. Os letrados chineses. In: *Ensaaios de sociologia geral*. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1982. p.482-490.